



Os índios vão trocar o ambiente descontraído e topless do Bananal por uma intrincada rotina de "data venia" e "Vossa Excelência".

MANCHETE
16/03/85

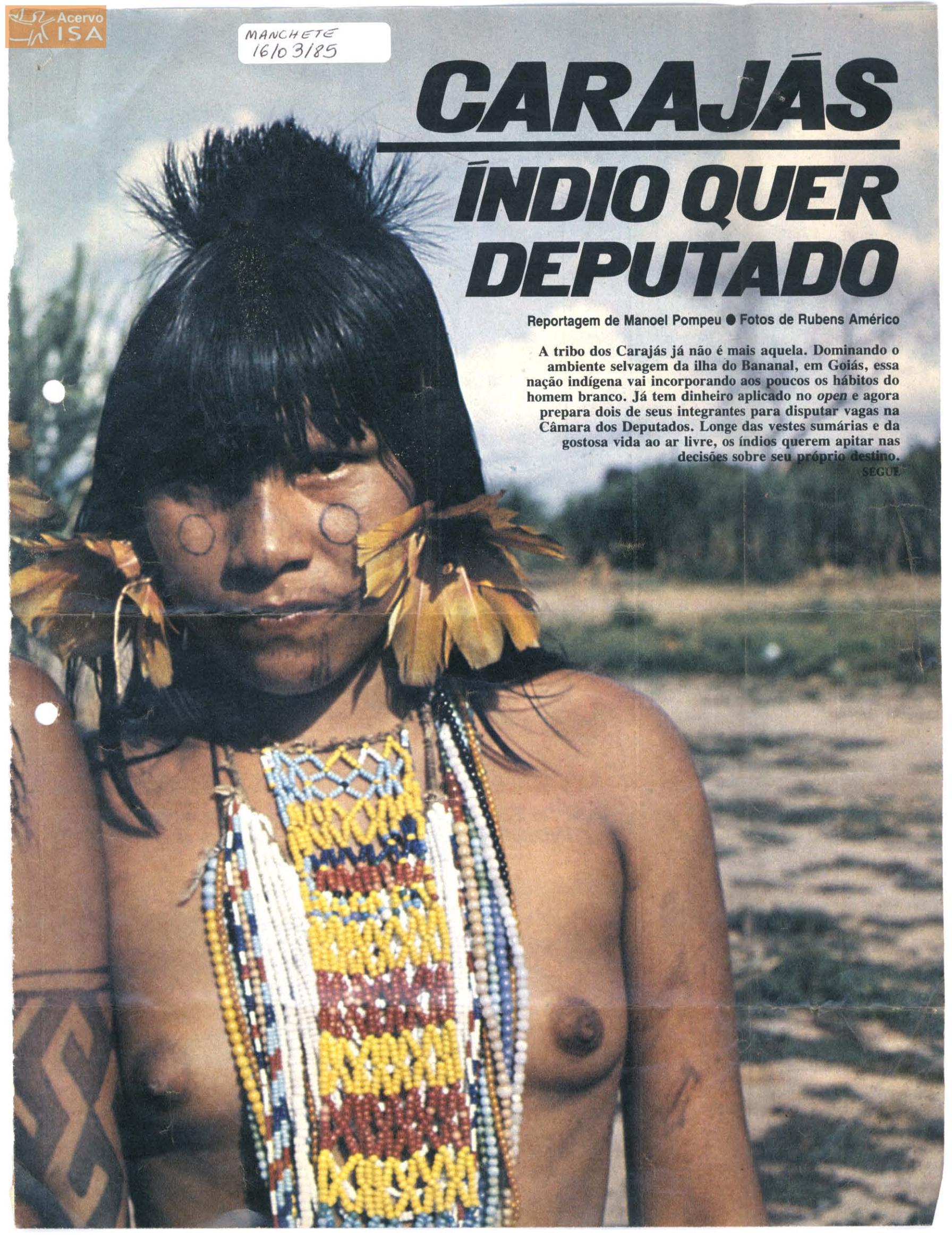
CARAJÁS

ÍNDIO QUER DEPUTADO

Reportagem de Manoel Pompeu ● Fotos de Rubens Américo

A tribo dos Carajás já não é mais aquela. Dominando o ambiente selvagem da ilha do Bananal, em Goiás, essa nação indígena vai incorporando aos poucos os hábitos do homem branco. Já tem dinheiro aplicado no *open* e agora prepara dois de seus integrantes para disputar vagas na Câmara dos Deputados. Longe das vestes sumárias e da gostosa vida ao ar livre, os índios querem apitar nas decisões sobre seu próprio destino.

SEGUIE



Com toda a publicidade que o cerca, a impressão que se tem é de que Mário Juruna — eleito deputado federal em 1982, pelo PDT fluminense — foi o primeiro índio a participar ativamente da vida pública do país. Mas muito antes, em 1965, Jaci de Oliveira, da tribo dos Terenas, já havia conquistado seu primeiro mandato de vereador, em Mato Grosso do Sul, e, em 1970, Ângelo Cretan Kaingangue conseguiu o seu no Paraná.

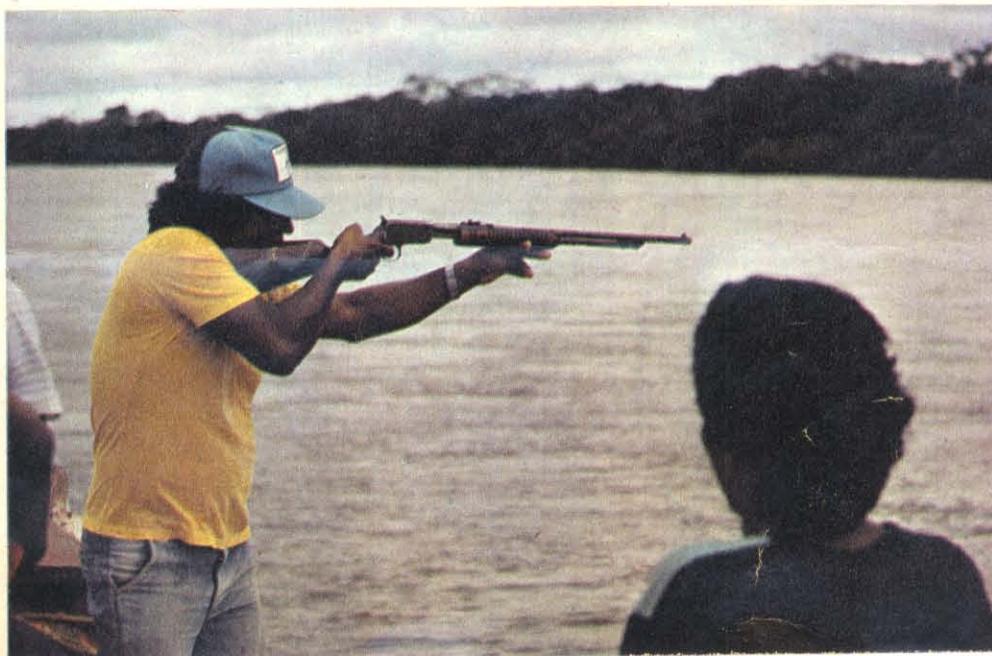
Agora, os índios carajás, da ilha do Bananal, preparam dois de seus mais destacados líderes para disputarem uma cadeira na Câmara dos Deputados, em 1986, de modo a terem voz na futura Assembléia Nacional Constituinte e poderem brigar pelas reivindicações da numerosa comunidade indígena do país. Nação razoavelmente rica — eles têm cerca de 350 milhões de cruzeiros aplicados no *open market* —, os carajás, além de Daniel Coxini e Adjurrari Karajás, os candidatos, também estão incentivando e financiando a campanha política de Marcos Terena.

Daniel Coxini, 37 anos, tem mais de 20 no convívio com os brancos. Vivendo em São Paulo desde os 11, fez um curso básico de administração em Campinas e acabou indicado para administrar o Parque Nacional do Araguaia, depois de muitas experiências mal sucedidas da FUNAI na região. Adjurrari, por seu lado, partiu aos 9 anos para Goiânia e, depois, Brasília, onde concluiu o 2.º grau. Seu maior sonho é formar-se em direito agrário e ter condições de brigar, de igual para igual, com o branco pelo direito dos índios sobre as terras do parque. No início do ano passado, foi nomeado chefe do posto indígena de Bananal, numa manobra que culminaria com a substituição do administrador branco do parque por Coxini. Eles, mais Terena, não pretendem disputar a eleição pelo PDS. “Índio não gosta de PDS. Pretendemos unir nossos esforços aos dos trabalhadores brasileiros, aos homens do campo, às camadas mais humildes — como nós, discriminadas pela elite política do país. Queremos que nos ajudem nesta arrancada eleitoral que, para ser bem começada, deverá ser pelo PMDB, um partido que afina melhor com o povo.”

Os dois carajás esperam que o próximo governo demarque as áreas indígenas e acabe com o paternalismo na FUNAI. “O índio não pode chegar a Bra-



DISPOSTOS A ENFRENTAR OS DESAFIOS, OS ÍNDIOS AFIRMAM: “VAMOS AJUDAR O BRASIL A CRESCER”





Guardiães zelosos de seus hábitos e costumes, os índios da tribo carajás são defensores ferrenhos de suas terras. Conseguindo se eleger, Daniel e Adjurrari vão trocar a caça e as pastagens pela Câmara dos Deputados, em Brasília.



sília, ou nas delegacias da autarquia, e pedir sapatos, roupas, meias, espelhos e outras quinilnarias. Nós precisamos colocar o índio para trabalhar, para desenvolver suas terras, para produzir, inclusive excedentes que possam ser comercializados. Precisa deixar de ser um pedinte e tornar-se um ser útil à sociedade." E citam sua nação como exemplo. Este ano, os carajás deverão faturar 1,16 bilhão de cruzeiros com a receita da pesca, lavoura, pecuária e com a venda de artesanato. Taxas pagas por posseiros e multas de mais de 300 mil cruzeiros pagas por pescadores e caçadores, que invadem a ilha e querem receber de volta suas armas, redes, veículos e barcos, deverão

render mais 260 milhões de cruzeiros, para uma despesa calculada em 500 milhões. O lucro irá se juntar aos 350 milhões de cruzeiros que já estão aplicados no *open market*.

"Daqui para a frente, o nosso grito é para que o índio seja um brasileiro em condições de trabalhar e produzir." Os carajás, inclusive, já começaram a quebrar velhos costumes, como o de que índio solteiro não trabalha. "Aqui", afirmam Coxini e Adjurrari, "índio solteiro está trabalhando, ganhando sua diária e, como os outros, substituindo a mão-de-obra do branco, para que parta do Bananal o exemplo. Nós, índios, vamos ajudar o Brasil a crescer."